

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 641

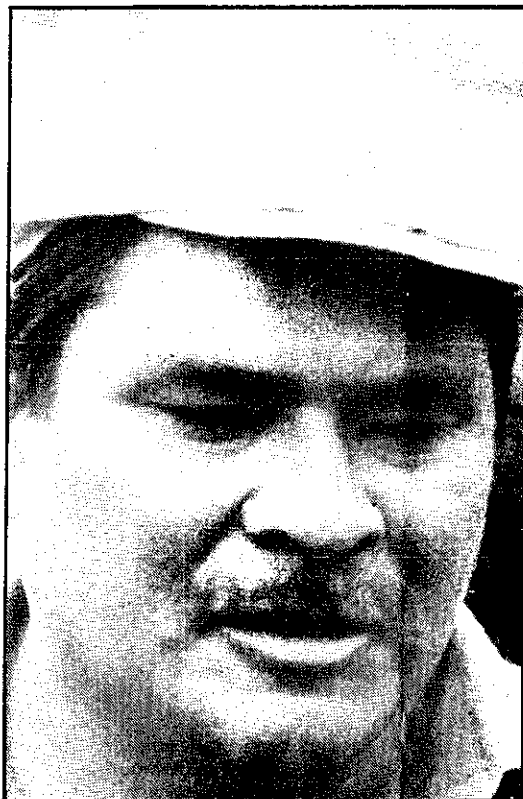
Data: 27.04.83

Pg.: _____

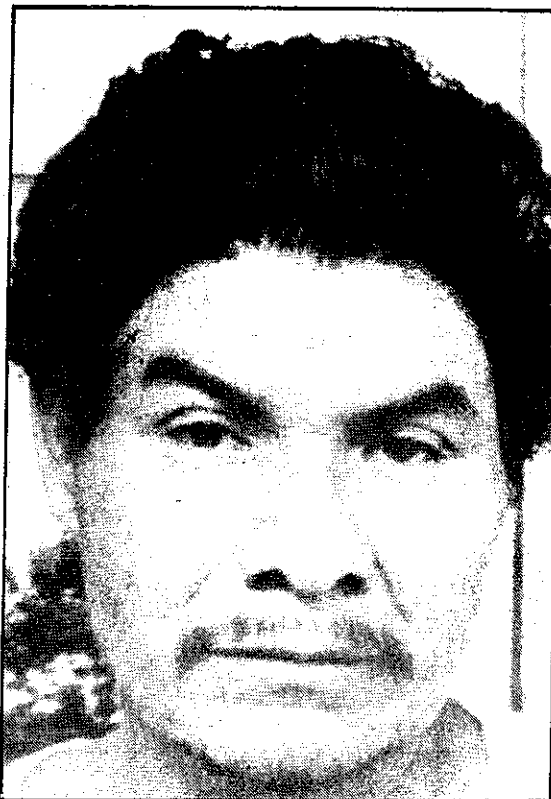
Briga de caciques

A luta pelo poder na reserva indígena, em Miraguaí, onde o cacique Ivo Salles se recusa a entregar o comando ao eleito cacique Domingos Ribeiro, fez com que um grupo de índios viesse a Porto Alegre. A briga dos caciques e a ação da Funai estão na PÁG. CENTRAL

Índios vieram à capital pedir socorro à Funai



Marcos Vargas



Arivaldo Chaves

Do conflito entre os caciques Ivo Salles e Domingos Ribeiro pode surgir um terceiro nome na reserva indígena

Briga de caciques

Ameaças de morte entre índios Caingangues

Ameaçados por 60 policiais indígenas, cerca de 400 caingangues tiveram que abandonar a Reserva Indígena da Guarita, no município de Miraguai, e estão acampados na praça central, em frente à Igreja da Matriz, à espera de uma solução para o impasse criado pela eleição do cacique Domingos Ribeiro, não aceita pelo antigo cacique Ivo Ribeiro Galles, que usa da força para manter-se na sua posição. Sem comida e sem ter onde dormir, esses 400 caingangues fretaram um ônibus da Empresa Pioneiro, que trouxe um grupo de 42 representantes até Porto Alegre, para pedir auxílio à Fundação Nacional do Índio (Funai). O grupo que, inclui oito crianças, 12 mulheres, quatro dos seis conselheiros caingangues (todos eles com mais de 80 anos) e o cacique impedido de tomar posse, Domingos Ribeiro, chegou às 11 horas a Porto Alegre e aqui foi recebido pelo procurador geral da Funai, Afonso Augusto de Moraes, que chegou de Brasília pela manhã cedo, alertado por uma notícia de que "400 caingangues armados de metralhadoras estavam impedindo a posse do cacique eleito".

Aqui, enquanto se preparava para seguir viagem para Miraguai, soube da chegada do grupo de 42 representantes e os recebeu, ouvindo as ameaças de Domingos Ribeiro que prometia não sair de Porto Alegre sem a destituição de Ivo Ribeiro Galles. Depois de seis horas de reuniões, o procurador explicou que a Funai não podia intervir nos assuntos internos dos índios, destituindo Ivo, mas que pediria proteção à Polícia Federal para que os partidários de Domingos voltassem à Reserva.

Como Domingos Ribeiro ficasse irredutível na sua atitude de permanecer em frente à sede da Funai, na Rua Siqueira de Campos, 1139, e a situação na sede da

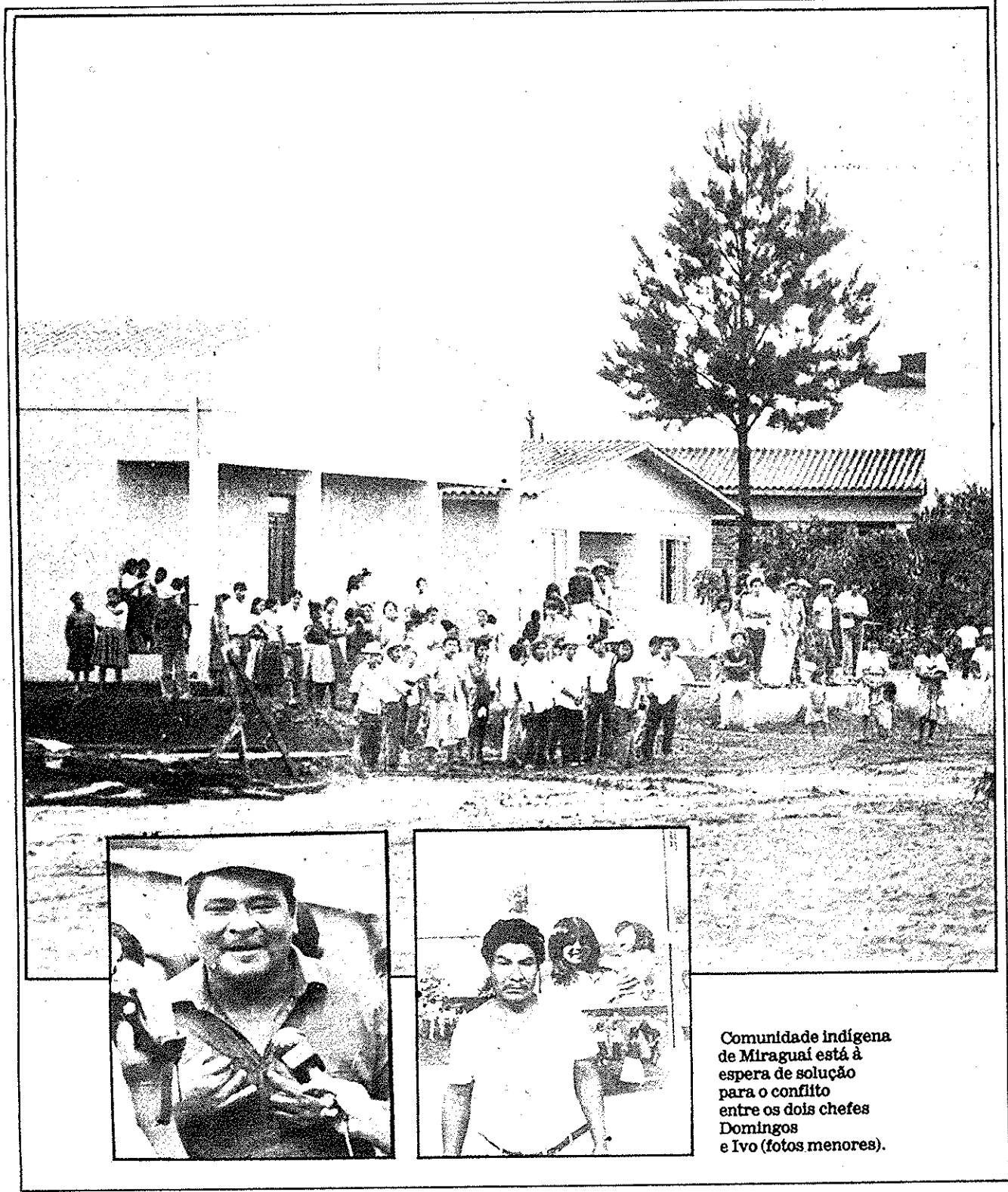
Funai já estivesse ficando insustentável, ao final da tarde, pois não haveria condições de acomodá-los, o procurador da Funai assumiu um compromisso por escrito de que viajará ainda hoje para a Guarita, desde que a delegação retorne e os 400 caingangues voltem à Reserva. Escrito de próprio punho, o compromisso assumido pelo procurador geral da Funai e dirigido ao mais idoso dos conselheiros tem o seguinte teor: "Ao tutelar Paulo Claudino, peço retornar hoje, dia 26, à área indígena de Guarita, com os seguintes compromissos, que assumo com todos os índios que o acompanham:

1 — Estarei na área indígena de Guarita na próxima sexta-feira, dia 28, no começo da manhã, para discutir com os dois grupos que se desentenderam, e procurar uma solução que garanta a paz e a segurança de todos.

2 — Manterei entendimentos com o superintendente da Polícia Federal no Rio Grande do Sul, para solicitar que assegure a integridade física do grupo que está voltando à área, dando-lhes segurança e evitando qualquer ato de agressão do outro grupo.

3 — Manterei entendimentos com o índio Ivo Ribeiro, para recomendar que não pratique qualquer ato de hostilidade ou de agressão, até a minha chegada à Guarita.

4 — Dou a garantia de que todo o problema será resolvido com a minha presença na área da Guarita". De posse do original desse documento, Domingos e o Conselheiro Paulo Claudino lideraram a volta de seu grupo, que depois de jantar às 19 horas na Churrascaria Continental, situada na Avenida Júlio de Castilhos, retornou para Miraguai, onde deve estar chegando nas primeiras horas da manhã de hoje.



Comunidade indígena de Miraguai está à espera de solução para o conflito entre os dois chefes Domingos e Ivo (fotos menores).

Na delegacia da Funai, um diálogo tenso

Embora não seja essa a primeira vez que a maioria dos caingangues que estiveram ontem na Delegacia da Funai tenha vindo a Porto Alegre, e apesar do fato de já estarem bastante aculturados (todos falam português, mas muitos não falam caingangue e nenhum usa roupas indígenas), sua presença em plena Siqueira Campos, ao meio-dia, bem debaixo da palmeira, que é ponto tradicional naquela rua e, ao atravessarem a rua em pleno pique de trânsito, provocaram cenas incomuns num ponto sofisticado do centro urbano.

Crianças, velhas e velhos avançavam até o meio da rua e, como os carros passassem muito próximos, recuavam desordenadamente. Todo o grupo de 42 caingangues (12 crianças 16 homens e 14 mulheres) subiu até o quarto andar do prédio 1399, onde se localizam as acanhadas instalações

da Funai e lá permaneceu até que a delegada substituta, Paula Fbling, providenciasse um almoço na Churrascaria Continental, da Avenida Júlio de Castilhos. Muitos deles não faziam uma refeição completa desde segunda-feira e os empregados da churrascaria passaram muito trabalho para atender ao grupo caingangue, que tem sua alimentação baseada na carne e frutas em abundância. O forte calor na sede da Funai e a falta de perspectiva de uma solução em Porto Alegre deve ter apressado a volta dos indígenas, que chegaram dispostos a permanecer até a derrubada de Ivo, mas voltaram com a promessa de que seriam recebidos sem hostilidades na Reserva. O diálogo mantido entre o cacique Domingos e o procurador da Funai mostra bem o clima de violência a que chegou a tribo:

— Tão matando as criações, carneando os porcos e ameaçando matar nossa gente, denunciou Domingos.
— Mas permanecer aqui não resolve nada, respondeu o procurador.
— Só saímos se o Ivo não for mais cacique, disse Domingos.
— A Funai não pode interferir, irei lá, mas vocês, em conjunto, é que terão de decidir, aconselhou o funcionário da Funai.
— Mas eles estão armados de facas, revólveres e nós só temos uns pedaços de pau, queixou-se o cacique.
— Dou a garantia de que haverá policiamento e vocês podem voltar à Reserva sem problemas, argumentou o procurador Afonso de Moraes.
— Então eu e meu povo iremos voltar hoje à noite, pois vamos acreditar em suas palavras, acabou aceitando Domingos.

Interesses econômicos, a causa da divisão

Os partidários de Domingos Ribeiro acusam o atual cacique, Ivo Ribeiro, e seus dois principais assessores — capitão Lourenço Bento e Floir Jaci — de estarem usando da violência e da prisão arbitrária como forma de coagir os restantes 2.500 índios a se manterem submissos. Segundo o índio Francisco Ribeiro, "só em desvio de dinheiro dos arrendamentos feitos aos colonos". Ivo Ribeiro já "desviou Cr\$ 1 milhão e 600 mil, sem contar os cinco caminhões diários de toras de madeira de lei que Ivo vende sem licença da Funai ou do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

Esse jogo de interesses econômicos em uma reserva de quase 25 mil hectares, situada em uma região de minifúndios, onde um pedaço de terra é disputado avidamente pelos colonos, parece estar gerando toda a violência que pode levar até a um enfrentamento armado entre as duas facções. Domingos Ribeiro acusa seu adversário de tirar os índios da terra e distribuí-la, mediante arrendamento, para colonos brancos ou portugueses, como chama os não índios.

— Nós ficamos sem terra, explica, enquanto o Ivo entrega tudo quanto é lavou a mecanizável para os colonos. E aos índios eles acabam deixando apenas as terras mais distantes e onde só se pode plantar milho. Eu mesmo fiquei com 12 hectares num lugar onde se leva mais de um dia de carroça para buscar o milho. E eu ti-

nha 25 hectares planos, bem junto de minha casa. DESMATAMENTO A madeira também parece ser motivo de cobiça naquela região. Em pleno Alto Uruguai, já quase completamente desmatado, os 12 mil hectares de mata nativa da Reserva da Guarita representam um motivo de atração constante para as madeiras da região. E tanto Ivo como Domingos tentam explorar a madeira. Domingos diz que Ivo não presta contas, mas o próprio Domingos fazia uma serraria funcionar na área sem licença e foi exatamente quando estava em Porto Alegre, na última sexta-feira, para tentar legalizar a serraria junto ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, que recebeu a notícia de sua indicação.
— Estava aqui, junto com o Ivo, para legalizar a serraria, quando recebi um telefonema de meu povo comunicado que o conselho tinha me escolhido e destituído o Ivo. Eu fui pra lá. O Ivo também, e quando cheguei, mais tarde, porque o carro em que eu ia estragou na estrada, o Ivo já tinha armado seus homens e se negava a me deixar tomar conta da Guarita. Outra acusação é a de que um colono branco, casado com uma filha de Ivo Ribeiro, é que estaria orientando toda a atuação de Ivo e dos policiais indígenas que estariam usando de prepotência para manterem a tribo submissa.
— Eles deixam os que querem apolar o Domingos presos dois ou três dias, sem dar de comer ou beber.

Em Miraguai, versões de um "golpe"

Cerca de 150 índios caingangues, da Reserva de Guarita, precisaram abandonar a área na madrugada desta quarta-feira, temendo represálias por parte da Polícia Indígena aliada ao cacique Ivo Ribeiro Salles. Eles foram pedir alojamento no salão paroquial da comunidade de Miraguai, ainda incompleto em sua construção, e o padre Luiz José Haas os acolheu, pois era grande o número de crianças entre eles.

Tudo aconteceu depois que o cacique eleito pelos índios, Domingos Ribeiro, fracassou na tentativa de derrubar o cacique da Reserva. Segundo os índios que estão alojados no salão paroquial da comunidade, Domingos contava com a força inteira de um grupo de caingangues descontentes com o cacique Salles. Prepararam um golpe, de 30 dias para cá e que culminou na segunda-feira, quando o cacique viajou para Porto Alegre.

Segundo eles, o primeiro passo foi preparar um ataque à Polícia Indígena, aliada evidentemente ao cacique e tiraram à força, da cadeia, alguns índios que estavam presos e que haviam sido torturados, a mando de Ivo. O índio Floriano Amaral disse que foi preso e ficou nu na cadeia e quase lhe bateram, mas conseguiu escapar ileso, porque teve "um pouco de conversa para convencer a polícia a não fazer aquilo", mas afirma que um menor apanhou e ficou na cadeia um bom tempo até que foram libertados.

Segundo eles, isso ocorreu por causa dos rumores de que os descontentes atacariam os líderes, dando um verdadeiro golpe indígena, tomando a aldeia e elegendo o novo cacique. Acontece que depois de eleito, Domingos Ribeiro acabou mantendo um diálogo entre as partes, intermediado pela Polícia Federal e a Brigada Militar. Desta conversa resultou a promoção de Domingos, feita por Ivo, a capitão de uma comunidade, já que os índios são divididos em várias comunidades na Reserva e cada uma tem uma espécie de prefeito, que comanda os moradores e que é chamado capitão.

Quando os caingangues que elegeram Domingos souberam que Ivo havia desistido da idéia temendo represálias, acabaram abandonando seus pertences, e alguns até deixando seus filhos em mãos dos mais velhos, no caso os avós, e foram pedir ajuda ao prefeito e ao padre.

O prefeito Leody Rodrigues de Almeida conseguiu um ônibus para que os índios viajassem, na madrugada de quarta-feira, até Porto Alegre, para pedir providências à Funai, enquanto o padre lhes deu alojamento para passarem pelo menos a noite. No salão paroquial, os descontentes se lamentam muito e não podem voltar à Reserva, sob pena de serem presos e torturados, dizem eles.

Dizem que o cacique e a Polícia anda matando os animais por eles abandonados, para alimentar os que ficaram na reserva. "Eles desapareceram a minha junta de bois", diz o índio Alcides Pedro, comentando que carnearam um dos seus bois de canga, além de porcos e galinhas que são abatidos na Reserva. Já o cacique Ivo Salles, que não quer receber ninguém na Reserva, mas acabou recebendo a reportagem, disse que tudo está tranquilo e que espera a solução pelo diálogo. "Eu não sei por que eles foram embora", diz ele, comentando que quer conversar com os descontentes. "Eu quero que façam uma eleição para ver se sou eu ou o Domingos que deve assumir em definitivo a Reserva", afirma. Mas no alojamento paroquial, os índios dizem "índio não vota", e não aceitam votação alguma.

O prefeito comentou que Ivo tentou fazer uma espécie de eleição, na terça-feira, na Reserva, dizendo que os aliados a ele deveriam ficar de um lado, e os aliados de Domingos deveriam ficar do outro, coisa que os índios descontentes não aceitaram. A estas alturas, Ivo já tinha voltado de Porto Alegre e reassumido o posto de cacique, embora Domingos e os outros ainda tentassem fazer com que ele entregasse o poder. Ivo Salles disse, ainda, que "eles queriam me preparar uma emboscada e tentaram desmoralizar a minha polícia prendendo a todos". Disse que soube, através de seus aliados, que era intenção do grupo de Domingos atacá-lo a pau e pedra quando entrasse na Reserva. Mas como eles acabaram libertando alguns elementos da Polícia, estes me esperaram fora da área indígena e me contaram tudo". Acrescentou que "fui até o posto da Polícia e ganhei guarda entrando depois no acampamento".

Quanto a esta afirmativa, o capitão José Luiz da Silva, comandante da Companhia do 7º BPM, sediado em Três Passos, disse que não é bem assim". A Polícia está aqui para colocar em ordem a situação, embora que externamente, não podendo influir dentro do acampamento", comentou. A Brigada levou um contingente de homens para a segurança fora da Reserva e mais viaturas com capacidade de comunicação.

Comentou que "os dois, ou as duas facções, tentam puxar a Brigada para o seu lado", mas na verdade, explicou, "não sei como isso poderá acabar".

Os índios dentro da Reserva estão tranquilos, pois a situação aparentemente está sob controle. Fora, os descontentes acusam a Polícia de estar utilizando de violência, com cacetetes, espingardas e um revólver, pelo menos. Eles comentam mais. Dizem que Ivo é um grande ladrão, porque fica com o dinheiro do arrendamento, depositando o nos bancos em nome dos "brancos".

Lauredano Salles, que está alojado no salão paroquial, explica melhor isso. "O Ivo tem o bolso muito grande, entendeu? Ele não pára mais de botar dinheiro dentro dele". Na cidade, começa a faltar alimentos, explica o prefeito de Miraguai. "Eles compraram todo o pão que tinha na cidade e eu tive de mandar buscar mais em Tenente Portela". Quanto a outros tipos de alimento, pode ser que falte, mas por enquanto não é previsível.

Tanto a Prefeitura como o chefe do Posto local da Funai, Ruy Cotrin Guimarães, estão ajudando na alimentação dos alojados. Ontem à tarde, por exemplo, Ruy foi até a Reserva e, junto com outros índios, carneou uma vaca de propriedade de um descontente para alimentar as mulheres e crianças. A Igreja contribuiu na hospedagem, e os índios dizem que não voltarão ao acampamento até que Ivo Ribeiro Salles e seus policiais não saiam de lá.

Os alojados não querem mais Domingos para cacique. Eles agora querem eleger um terceiro nome ou então trazer de volta o ex-cacique, Sebastião Alfaiate, exilado na reserva indígena de Nonoi desde junho do ano passado, deposto pelo atual, Ivo Ribeiro. (Flávio Damiani, de Cruz Alta/Fotos de Marcos Vargas)